

## RELIGIÃO E PERVERSÃO: A ILUSÃO DO “GOZO PLENO”

RELIGION AND PERVERSION: THE ILUSION CONCERNING THE FULL ENJOYMENT

*Sergio Sezino Douets Vasconcelos*<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente Texto, partindo da provocação do Trabalho de Jean-Pierre Lebrun sobre a “perversão comum” na cultura ocidental atual, fruto, entre outras coisas, da “crise de legitimação” na atualidade, que afeta todas as esferas da vida social e, conseqüentemente, a estruturação das subjetividades contemporâneas, favorecendo, assim, a uma atmosfera ilusória de gozo na cultura, quer refletir sobre uma experiência religiosa contemporânea e o seu discurso de prosperidade, que alimenta, sempre mais, essa experiência ilusória de gozo, a partir do seu discurso, prometendo um mundo imaginário ideal “sem dor” e “sem limites”. Discurso no qual o sujeito, ao invés de ser ajudado a confrontar-se com a sua finitude, que é a condição fundamental para a sua maturação humana, é incitado a desejar, sendo levado a acreditar que Deus existe para realizar, plenamente, os seus desejos de onipotência.

**Palavras-chave:** Religião e perversão. Onipotência e religião. Gozo e religião.

### ABSTRACT

This Text, departing from the provocation regarding to Jean Pierre Lebrun's Work concerning the Common Perversion in the actual Occidental culture, result, besides, from the “legitimation crisis”, nowadays, that affects the social life all the spheres and, consequently, the contemporaneous structures, favouring, this way, the enjoyment illusory atmosphere in the culture, aims at reflecting about the contemporaneous religious experience and its prosperity discourse that feeds, more and more, this enjoyment illosory experience, departing from its discourse, promising an ideal imaginary “PAINLESS” and “UNLIMITED” world. Through this discourse, the subject, in stead of being helped to face its finitude, which is the fundamental condition for its human maturation, it – the subject – is incited to long for being led to believe that God exists in order to accomplish fully its omnipotence wishes.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Teologia Católica pelo Westfälische Wilhelms Universität Münster, Alemanha. Professor da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE. E-mail: douets@unicap.br.

**KEYWORDS:** Religion and perversion – Omnipotence and Religion – Enjoyment and Religion.

## **INTRODUÇÃO**

No atual contexto de pluralidade cultural e das múltiplas subjetividades que emergem neste cenário, as diferentes ofertas religiosas de sentido e as motivações que influenciam a adesão dos sujeitos a esses discursos é um tema desafiador para as Ciências que trabalham com o fenômeno religioso. Urge um diálogo, que poderá ser fecundo, entre as Ciências da Religião, a Teologia e a Psicanálise. Diálogo, ainda, frágil, mas necessário, se quisermos compreender algo, do ponto de vista subjetivo, das possíveis motivações, envolvidas, neste cenário. O diálogo com os Estudos da Religião poderá ajudar a Psicanálise a superar preconceitos e cristalizações teóricas, que já não conseguem e ajudam a compreender a demanda de conteúdos religiosos na clínica, e, por outro lado, a Psicanálise poderá ajudar os Estudos da Religião a compreenderem algo dos processos subjetivos, inerentes ao campo religioso brasileiro.

Da mesma forma que, certamente, uma compreensão da complexidade do fenômeno religioso brasileiro poderá ser, de grande ajuda, para a clínica. Pois, não podemos esquecer que estamos, provavelmente, vivendo, atualmente, o maior fenômeno religioso após a Reforma Protestante no Século XVI e o Brasil é um dos protagonistas deste movimento: a Pentecostalização e a Neopentecostalização do Cristianismo, que surge, no contexto das Igrejas Evangélicas, mas já foi, também, assumido por parcelas significativas do Catolicismo.

A Religião não é um elemento secundário, na construção da estrutura de sentido da grande maioria da humanidade (BERGER; LUCKMANN, 2004). E, se pensarmos o Brasil, estamos diante de uma nação, profundamente, religiosa. Os dados do IBGE mostram isso: 86,8% dos brasileiros se declaram cristãos: 64,6%

são católicos e 22,2% são evangélicos. O Brasil, ainda, é a maior nação católica do mundo. Porém, 8,04% se declaram sem Religião<sup>2</sup>. O que não significa dizer que são ateus (NOVAES, 2010). Muitos possuem algum tipo de espiritualidade, mas não querem relação com as Instituições (“Deus sim, Igreja não”), o que já é comum na Europa central e que vai, também, se expandindo, com características próprias dos nossos processos de secularização, no Brasil (PIERUCCI, 2012).

Outro elemento, não menos importante, para as observações seguintes, é o conceito de “campo religioso”. Diferentemente do conceito de “matriz religiosa” (BITTENCOURT FILHO, 2003) que busca compreender, do ponto de vista cultural, as bases estruturantes da vivência religiosa brasileira, o conceito de “campo religioso”, fruto dos trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu (2003), busca compreender as lutas, as concorrências e as estratégias, entre os grupos religiosos, nas suas ofertas de bens simbólicos, na busca do domínio no controle do Mercado dos bens simbólicos religiosos. E isso pode ser observável, sem grandes dificuldades, na luta entre as Igrejas Evangélicas e a católica, as evangélicas, entre si, e os evangélicos neopentecostais, em relação às Religiões de matriz africana, pela hegemonia do Mercado religioso brasileiro.

Vivemos, em um momento, no qual um dos elementos mais evidentes, nos discursos religiosos atuais, é a ilusão imaginária de um gozo pleno BARROS, 2009), de um “mundo sem limites” (MELMAN, 2008), “sem finitude”, “sem dor” Um mundo, no qual, o “milagre”, o bem simbólico mais cobiçados, pelas massas

---

<sup>2</sup> AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao-%E2%80%93-cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/>>. Acesso em: 07 de Junho de 2014. Uma análise interessante sobre os dados sobre religião do IBGE, ver: TEXEIRA, Faustino; MENEZES, Renta (Orgs.). Religiões em movimento. O censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013

religiosas, é a palavra-chave, como um “tampão” para nos livrar do nosso desamparo (*Hilflosigkeit*), do vazio que nos constitui. Utilizando a linguagem bíblica, estamos diante de uma oferta que promete nos livrar, ilusoriamente, da condição de criatura.

Em certas frases de efeito, utilizadas para chamar a clientela religiosa, pode-se perceber o que está sendo prometido: venha para a nossa Igreja, “pare de sofrer” ou a promessa de uma “missa da graça” de “cura e libertação”<sup>3</sup> Há um “mercado religioso de oferta de gozo”, que alimenta uma clientela, em muitos grupos religiosos, na Contemporaneidade, com as suas Teologias da Prosperidade.

Claro que isso não define a experiência religiosa judaico-cristã. Seria uma pobreza profunda e falta de conhecimento da cultura religiosa Judaico-cristã querer resumir a complexidade e riqueza do arcabouço mítico e simbólico destes sistemas que estruturaram a nossa cultura ocidental, a partir daí. Bastaria uma leitura sobre o mito do jardim do Édem e o drama de Adão e Eva, diante da árvore do conhecimento do bem e do mal no Antigo Testamento ou o conceito de *Kenosis* (esvaziamento), na reflexão de São Paulo ou o caminho simbólico de Jesus, da Galileia até a sua morte em Jerusalém, para vermos que o que estes sistemas religiosos, na sua profundidade, oferecem não é “um gozo pleno”, muito pelo contrário, o limite, a consciência de incompletude, de ser criatura finita ou, de castração, se desejarem, é condição estruturante da experiência com Deus. Quem resiste, inevitavelmente, repetirá, ao longo da sua existência, o mito de Caim e Abel: matará o outro (irmão), não conseguirá sustentar relações de alteridade...

E aqui, para compreender algo desse fenômeno de luta por oferta de gozo no campo religioso brasileiro, é muito interessante a

---

<sup>3</sup> Tal oferta, encontrada em várias Igrejas católicas no Brasil reflete, do ponto de vista da própria estrutura teológica, uma contradição. Haveria para os católicos alguma celebração eucarística que não curasse e libertasse o fiel? Porém, tais missas são motivo de conflito e concorrência pela clientela católica entre o seu próprio clero.

provocação de Jean-Pierre Lebrun (2008a), sobre a constatação de uma atmosfera de “perversão comum”, na cultura atual. Não se trata, de fato, da perversão estrutural patológica, mas sim, de uma atmosfera cultural que reflete elementos de perversão, no comportamento humano. Lebrun parte da análise da mutação do laço social, que se caracteriza, atualmente, pela desarticulação da interação entre os indivíduos com o laço social coletivo. Essa mutação faz emergir o que ele chama de “novos regimes de economia psíquica” e, conseqüentemente, o aparecimento de novas patologias. As mudanças, na vida coletiva, incidem sobre o psiquismo dos sujeitos e essa incidência confirma que o sujeito do inconsciente, o sujeito falante, é um sujeito dividido, assujeitado. E é, a partir dessa constatação, que busca «avaliar a extensão do que falar implica: consentir no vazio, na perda do gozo, na negatividade.»

Marcado pelo inconsciente, a identidade do sujeito falante é negativa, vem do outro. Assim, é a negatividade que constitui a identidade do sujeito. O processo de subjetivação é, antes, um processo de objetivação, processo pelo qual o sujeito se torna objeto, sendo, também, processo de assujeitamento. E é, justamente, esse processo que vai se tornando, cada vez mais, frágil.

E é, como afirma Lebrun (2008a, p. 53), justamente ao se apropriar, de novo, desse vazio, dessa negatividade, ao fazer, sua, essa falta no Outro, ao aceitar essa ausência de garantia, ao abandonar a esperança de que o Outro o defina, que o sujeito pode traçar a sua própria via, mas ele, apenas, consegue fazer tal travessia após ter-se, de certo modo, autorizado a fazer objeção ao Outro. É a esse trajeto que se chama subjetivação. Trata-se de um trajeto, como diz Lebrun, incontornável, para cada sujeito, uma vez que equivale ao seu processo de humanização. Os gozos pulsionais, que caracterizam qualquer criança, devem encontrar um “Não”, para que ela seja constrangida e possa se reorganizar de modo diferente, a partir da perda do objeto, com a qual ela não deve

consentir que seus gozos pulsionais organizem a sua existência (LEBRUN, 2010, p. 34).

Mas, é justamente, esse processo de subjetivação, em uma sociedade na qual “é proibido proibir”, que qualquer forma de castração é confundida com autoritarismo, na qual vive-se uma profunda crise do papel do pai, por medo do não reconhecimento do filho, deseja tornar-se o amiguinho, o recreador e não se sente capaz de ajudar a criança a se confrontar com o “não”, levando-a a aprender a negociar o “não” pela troca do objeto e, a partir daí, vão estruturando indivíduos, cada vez mais, “sem gravidade”, que vivem uma ilusão de que é possível a existência de um “mundo sem limite”, sem dor, sem sofrimento, um “mundo completo”, sem confrontar-se com a falta (LEBRUN, 2007). Confronto esse que é constitutivo para o processo de humanização do sujeito. Claro que a frustração tem hora marcada, nessa trajetória, pois “viver dói”, e essa travessia é marcada pelo limite, pela incompletude, pelo “êxodo” e pelo “exílio”.<sup>4</sup>

No Brasil, no campo religioso brasileiro, não faltam experiências interessantes e desafiadoras que revelam algo desse processo, basta observarmos algumas ofertas, que encontram muita aceitação, no mercado religioso atual: como nos mostra Lebrun (2008a), na sua busca de compreensão de aspectos da crise do ocidente, a civilização ocidental foi fundada, a partir de um modelo religioso e mantida sobre o fundamento teológico. Sobre esse fundamento, a autoridade hierárquica se legitimou pela evidência do lugar da transcendência, na qual ela se apoia. Porém, esse modelo de estruturação dos laços sociais, que perdurou, durante séculos no Ocidente, vai se eclipsando. Com o processo de secularização, a Religião vai perdendo, cada vez mais, a sua função tutelar da cultura. A religião vai se tornado algo subjetivo, que interfere na estruturação de sentido da existência do indivíduo, mas não tem

---

<sup>4</sup>Sobre isso ver o interessante trabalho de Betty B. Fuks. Freud e a judeidade. A vocação do exílio. São Paulo: Zahar, 2000.

mais a mesma relevância social. A transcendência, que antes vinha de fora para dentro, ou seja do Transcendente, para a subjetividade do indivíduo, agora, para grande parcela das pessoas religiosas, ela vem de “dentro para fora”, a partir da minha subjetividade. É o que o Thomas Luckmann denomina de “religião invisível” (1991). É o desejo subjetivo do indivíduo que determina a sua relação com a religião. Interessa cada vez menos, para muitos indivíduos, os sistemas religiosos, com os seus códigos éticos e suas exigências de relações mais fraternas, compassivas etc. Os sistemas interessam em si, enquanto totalidades de oferta de sentido, cada vez menos, a tendência é que cada um faça a sua própria *bricolage*, a partir de diferentes fragmentos dos sistemas e o critério estruturante dessa *bricolage* (GREVERUS, 1991) é o desejo subjetivo do fiel.

O cenário, no qual, tal subjetividade vai se plasmando, é complexo e desafiador, para a sua análise. Serão lembrados aqui, apenas, alguns aspectos: O cenário é marcado por uma sociedade de vivências (*Erlebnisgesellschaft*) ou sociedade do prazer (*Spaßgesellschaft*) (SCHULZE, 1997), na qual, os indivíduos são levados a desejarem e buscarem vivências subjetivas, de prazer pessoal, cada vez mais, excitantes, rápidas e fluidas. A busca, por essas vivências, é parte de um mercado (*Erlebnismarktes*), no qual é produzida e disponibilizada uma gama de ofertas de vivências prazerosas (*Erlebnisangeboten*). Para Johanna Ursprunger<sup>5</sup>, a necessidade dos indivíduos, por essas ofertas, não se constitui, a partir de uma saudade por experiências estéticas, mas, sim, por conta do medo da monotonia. Cada vez mais organizados, em tribos, que se estruturam, por identificações subjetivas, há uma tendência, na atualidade, de que os indivíduos se ancorem, nesses grupos, na busca dessas experiências de vivências subjetivas.

---

<sup>5</sup> URSPRUNGER, Johanna. Stritwort: Erlebnisgesellschaft. Disponível em: <http://soziologie.soz.uni-linz.ac.at/sozthe/freitour/FreiTour-Wiki/Erlebnisgesellschaft.html>. Acesso em: 10 de jun. 2014.

Pode-se observar como alguns termos refletem esse momento cultural: há planos personalizados, a partir do perfil de cada cliente, sendo oferecido, permanentemente, no Mercado.

Todas as esferas da vida social são marcadas, atualmente, por essa atmosfera, inclusive a religiosa. Nela, “Deus tem, também, um plano personalizado para você”. No atual cenário do campo religioso brasileiro, com as suas tensões e lutas pelo controle, no Mercado religioso, podem ser observadas, sem grandes dificuldades, a disputa e a concorrência, por ofertas de vivências religiosas, disponibilizadas aos consumidores religiosos ávidos, por essas vivências.

Observa-se uma total “perversão”, no discurso religioso, de alguns grupos, na atualidade, na medida em que refletem sobre a graça.<sup>6</sup> No seu relacionamento com Deus, Deus esse que, durante séculos, teve um papel fundamental, na constituição dos processos de subjetivação, no Ocidente, assumindo a função paterna do interdito, na constituição do sujeito e da cultura, o fiel, pertencente a grupos que se alimentam do discurso da “Teologia da Prosperidade”, não leva em conta o lugar de alteridade de Deus, como, tradicionalmente, foi refletida na Teologia cristã e vivido na cultura Ocidental. Verbos como “decretar”, “exigir”, “determinar”, “reivindicar”, geralmente, substituem os verbos “pedir”, “rogar”, “suplicar”, revelando uma alteração do lugar, a partir do qual o sujeito se relaciona, atualmente, com a alteridade do divino. Um exemplo de tal deslocamento de lugar e, conseqüentemente, de subjetividade, pode ser observado na afirmação de um dos grandes nomes da “Teologia da Prosperidade”<sup>7</sup> no Brasil e

---

<sup>6</sup> Categoria teológica cara ao cristianismo, que reflete sobre a relação de Deus com as suas criaturas. O conceito gerou muita discussão ao longo dos séculos nas igrejas, principalmente na disputa entre Pelágio e Agostinho na antiguidade e no século XVI entre a Igreja católica e os reformadores, porém, de forma geral, mesmo com as nuances de cada grupo, foi sempre consenso de que não há merecimento humano para tal, dependendo tudo da total autonomia e vontade de Deus.

<sup>7</sup> Sobre uma síntese dos pressupostos históricos e teológicos da “Teologia da



fundador de uma das maiores Igrejas neopentecostais do Brasil, com grande influência midiática afirma que “Usar a frase “se for a Tua vontade”, em oração, pode parecer espiritual e demonstrar atitude piedosa de quem é submisso à vontade do Senhor, mas além de não adiantar nada, destrói a própria oração (SOARES *apud* ROMEIRO, 1998, p. 37).

Para a Teologia da Prosperidade, somos governados por nossas palavras [influência da Filosofia Positiva]. Seremos, no futuro, aquilo que confessamos, com a nossa boca. Orar é determinar resultados. Isso acontece quando oramos, da “forma correta”, ou seja: nós determinamos aquilo que aconteceu, em “nome de Jesus” e Ele, assim, o fará. [Jesus se torna, meramente, cumpridor dos desejos do fiel].

## CONCLUSÃO

O Deus que emerge das afirmações da Teologia da Prosperidade é uma divindade, até certo ponto, presa, devedora, subordinada às suas promessas. Para que isto aconteça, o fiel tem, por sua vez, que fazer sua parte, no “pacto” entre ele e Deus, ou seja, dar a sua oferta ou o dízimo à Igreja e confessar que aconteça. Basta exigir de Deus tais realizações de desejos. Porém, se não acontecer o milagre, a culpa é do fiel que não possui fé suficiente, ou fraquejou em algum ponto, do processo do pacto.

Campos (1999), analisando a teologia de mercado da Universal do Reino de Deus enfatiza que produto é qualquer coisa, que pode ser oferecida a um mercado para satisfazer uma necessidade, e nele inclui: objetos físicos, serviços, personalidades, lugares, organizações e ideias. Nas organizações religiosas, esses produtos são chamados de ministérios, programas, serviços,

---

Prosperidade” ver: ROMEIRO, Paulo Rodrigues. Super crentes: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998.

trabalhos, cultos e se expressam por hinos, sermões, liturgias, relatos de milagres, orações, enfim, tudo aquilo que pode ser distribuído, num templo, ou por intermédio de um veículo de comunicação de massa, quando usado pela igreja.

A graça, como troca é acompanhada pelo slogan “pare de sofrer”. Essa teologia visa atender as necessidades e desejos das pessoas. Nesse sentido, as comunidades neopentecostais se tornam comunidades de consumo de bens simbólicos (CAMPOS, 1999, p. 228).

Deus, que durante séculos, no Ocidente, ditou a “Sua Lei” e teve um papel estruturante, na subjetividade ocidental, vai se tornando, para alguns grupos religiosos, submisso ao desejo de onipotência do sujeito, que sente-se no direito de “gozar da Sua onipotência divina”, negando toda possibilidade de transcendência que exija dele, “não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”, como se encontra em um dos mitos estruturantes da experiência religiosa judaico-cristã. A reverência e as ritualizações externas são preservadas porém, a relação subjetiva vai sendo pervertida, na medida em que o Deus que, antes, limitava o gozo do sujeito (Função paterna), agora, torna-se, pelo novo lugar sujeito contemporâneo e, do seu desejo, um ser submisso fornecedor do gozo. Perdendo, assim, cada vez mais, o seu papel de figura de exceção imprescindível ao processo de subjetivação da cultura e, conseqüentemente, nos processos de humanização dos sujeitos. Favorecendo, como afirma Lebrun, a nossa perversão comum: viver juntos sem os outros.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado** - organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

GREVERUS, Ina-Maria. Prinzip Collage. In: SILLER, Hermann

P (Hrg.). **Suchbeweigungen**. Synkretismus – Kulturelle Identität und kirchliches Bekenntnis. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991. p, 18-30.

LEBRUN, Jean-Pierre. **A perversão comum**: viver juntos sem outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008a.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite**. Ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O mal-estar na subjetivação**. Campinas: CMC Editora, 2010.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Campinas: CMC Editora, 2008b.

LUKMANN, Thomas. **Die unsichtbare Religion**. Frankfurt am Main: Suhkamp, 1991.

MELMAN, Charles. **O Homem sem gravidade**. Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues. **Super crentes**: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998.

SCHULZE, Gerard. **Die Erlebnisgesellschaft**. Kultursoziologie der Gegenwart. Frankfurt/New York: Campus, 1997.

SILLER, Hermann P. **Suchbeweigungen**. Synkretismus – Kulturelle Identität und kirchliches Bekenntnis. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991.

TEIXEIRA, F. L. C.; MENEZES, R. C. (Org.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

